

INTERESSES E VALORES DE ALUNOS DO ENSINO PROFISSIONAL

Sérgio Vieira

Psicólogo da Escola Tecnológica, Artística e Profissional de Pombal

Joaquim Armando Ferreira

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

RESUMO

A presente investigação pretendeu estudar a relação entre os interesses e os valores dos alunos do ensino profissional de nível III. O *Inventário de Interesses Vocacionais* e a *Escala de Valores WIS* foram aplicados a 379 alunos de ambos os sexos que frequentavam diferentes cursos técnicos, em quatro escolas profissionais do distrito de Leiria.

Os resultados confirmam a existência de diferenças significativas entre os interesses (Investigador, Artístico, Social, Empreendedor, Convencional e Realista) para cada uma das áreas de formação. Ao nível dos valores verificámos algumas diferenças significativas entre o sexo masculino e o sexo feminino e entre as diversas áreas de formação.

As correlações entre os interesses e os valores são na generalidade baixas, no entanto, verifica-se a existência de relações significativas, no sentido esperado, nomeadamente entre a escala que avalia os interesses empreendedores e as escalas que avaliam os valores Autoridade, Prestígio, Promoção e Económico, e entre a escala que avalia os interesses Artísticos e a Criatividade.

1. INTRODUÇÃO

Ao concluir o Ensino Básico (9º ano de escolaridade) o adolescente é confrontado com o problema de ter de optar por uma formação secundária ou por interromper/dar por concluída a sua vida escolar. Tomada a decisão de continuidade, há que escolher o caminho que mais se adegue, simultaneamente, às suas motivações e objectivos, tendo em vista de uma futura carreira profissional. Uns tenderão a escolher uma via mais académica e tradicional, a fim de prosseguir estudos de nível superior. Outros tenderão a pensar um percurso escolar mais breve, capaz de os colocar no mercado de trabalho, num período de tempo mais curto, sem que no entanto se sintam impossibilitados de posteriormente continuar a estudar.

A organização curricular dos cursos do ensino profissional, como uma matriz aberta e flexível, foi concebida em três grandes áreas de formação: a sociocultural, a científica, e a tecnológica e por módulos (unidades de aprendizagem autónomas integradas num todo coeso). Esta estrutura pretende, segundo Marques (1995), garantir uma formação global de “espectro largo”, que valorize a integração dos saberes e faculte “aos jovens um desenvolvimento pessoal integral construído a partir de uma boa formação geral, do conhecimento das ciências de base que fundamentam as tecnologias e/ou técnicas de um sector profissional e uma sólida formação técnica que possibilite aos jovens o desempenho de competências profissionais num determinado sector de actividade, rejeitando a perspectiva da “formação para a profissão” ou a “formação para o posto de trabalho” (p. 45).

A introdução do ensino profissional no sistema educativo português veio, por irónico que possa parecer, quebrar a “utopia igualitária da unificação” (Azevedo, 1991, p. 147) do ensino, e aumentar as oportunidades de educação/formação secundária dos adolescentes, em resultado da diversidade da oferta de percursos formativos em que este modelo de formação assenta.

2. INTERESSES E VALORES

A compreensão dos factores subjacentes à escolha de uma determinada profissão despertou, desde o início deste século, a atenção de diversos investigadores, iniciada por Frank Parsons em 1909 com a publicação *Choosing a Vocation*.

Entendida a escolha vocacional como um processo de desenvolvimento, os factores pessoais e situacionais assumem um papel fundamental na interpretação do comportamento vocacional e do desenvolvimento de carreira. Proposto por Donald Super, o conceito de *desenvolvimento vocacional*, preconiza que cada pessoa, ao longo da sua vida, ocupa diferentes posições em relação às profissões, numa sequência de estádios que se iniciam na infância e terminam na velhice (crescimento, exploração, estabelecimento, manutenção e declínio) (Caeiro, 1979).

Há muito que as teorias do desenvolvimento de carreira salientaram a importância dos papéis dos interesses e dos valores na decisão de uma escolha vocacional. “As teorias do desenvolvimento “vocacional” postulam que a cristalização dos interesses e dos valores, quer dizer, a organização destes traços em configurações estáveis, é um sinal de maturidade, permitindo fazer uma escolha profissional autónoma e realista” (Larcebeau, 1982, p. 342).

Considerando o significado social e económico que este modelo de ensino secundário preconiza no esbatimento do binómio educação-emprego, pela qualificação de técnicos intermédios, cuja carência é sentida no universo dos recursos humanos das empresas portuguesas, importa compreender os “processos psicológicos de cristalização e de especificação dos interesses e valores (...) em interacção com o meio, no âmbito das tarefas vocacionais da fase de exploração” (Teixeira, 1994, p. 153) dos adolescentes que optaram por este modelo de formação.

Ginzberg distingue três fases sucessivas na fase exploratória: estágio dos interesses, estágio das aptidões e estágio dos valores (Larcebeau, 1982), entendendo o processo de escolha vocacional em estreita ligação com o desenvolvimento da personalidade.

O modelo teórico da escolha vocacional de Holland assenta no pressuposto de que cada pessoa pode ser integrada num dos seis tipos de personalidade: realista, investigador, artístico, social, empreendedor e convencional, procurando um ambiente consentâneo com o seu tipo de personalidade dominante, possibilitando-lhe evidenciar as suas capacidades e aptidões, expressar as suas atitudes e valores, num processo caracteristicamente interaccionista entre a sua pessoa e o meio (Holland, 1985; Hood e Ferreira, 1993). Os resultados obtidos nos vários estudos realizados em diferentes países, apontam para uma significativa validade deste modelo teórico, pois os interesses de pessoas de diferentes profissões têm-se mostrado similares em diversas culturas (Ferreira e Hood, 1995).

A concepção hexagonal dos seis tipos de personalidade/ambiente, possibilita uma fácil interpretação das relações entre os diversos tipos e a compreensão das características da personalidade do sujeito e aquilo que conhece das profissões. No quadro 1, é apresentada uma breve descrição para cada tipo de personalidade e de ambiente (Campbell e Holland, 1972; Ferreira, 1991; 1993).

Quadro 1 - Tipos de Personalidade e Ambientes segundo o modelo de Holland.

CARACTERÍSTICAS DA PERSONALIDADE	CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS
<p>Tipo Realista</p> <p>Interesse por actividades objectivas, ordenadas e sistemáticas sobre problemas, que requerem o pensamento prático, a força física e a coordenação motora em detrimento do relacionamento interpessoal.</p>	<p>Caracterizado por exigências concretas de natureza física ou mecânica, tais como, a manipulação de máquinas e ferramentas sem grande apelo ao trabalho em equipa.</p>
<p>Tipo Investigador</p> <p>Interesse por actividades intelectuais e académicas, que requerem uma análise profunda das situações e a utilização de capacidades analíticas e inventivas em detrimento de soluções concretas sobre os problemas.</p>	<p>Caracterizado por requerer respostas pensadas, com recurso ao pensamento abstracto e à criatividade. Não apelativo de um significativo relacionamento interpessoal, mas premeia as pessoas com elevado valor científico.</p>
<p>Tipo Artístico</p> <p>Interesse por actividades onde possa salientar a sua individualidade e criatividade, fortemente conotada com a expressão dos seus sentimentos e estados emocionais em detrimento de actividades sistematizadas.</p>	<p>Caracterizado por requerer respostas imaginativas, com recurso ao sentido estético das coisas, à interpretação pessoal de sentimentos, ideias e factos. Não requer um envolvimento permanente com as tarefas mas, muitas vezes, bastante intenso.</p>
<p>Tipo Social</p> <p>Interesse por actividades sociais, relacionadas com o ensino e a saúde, conotadas com a expressão do sentido de cooperação e humanidade, empatia e bem-estar dos outros em detrimento da resolução de problemas de natureza intelectual, nomeadamente, com apelo a aptidões matemáticas.</p>	<p>Caracterizado por requerer a utilização das capacidades de interpretação e de modificação do comportamento humano, fazendo apelo ao desenvolvimento de competências verbais e de relacionamento interpessoal.</p>
<p>Tipo Empreendedor</p> <p>Interesse por actividades de liderança e supervisão conotadas com o poder, o persuadir e o manipular os outros com fins políticos, económicos ou organizacionais</p>	<p>Caracterizado por tarefas que exigem aptidões verbais para dirigir, supervisionar ou planejar actividades.</p>
<p>Tipo Convencional</p> <p>Interesse por actividades que envolvem a sistematização e a manipulação de dados fortemente relacionados com o recurso aos meios informáticos em detrimento das tarefas pouco sistematizadas e espontâneas ou que façam apelo a capacidades artísticas.</p>	<p>Caracterizado por requerer respostas concretas, sistemáticas e rotineiras, frequentemente conotadas com o tratamento informático de dados matemáticos ou verbais.</p>

Em 1959, Herzberg, desenvolve a teoria bifactorial da motivação, em que os factores respeitantes ao próprio trabalho, à realização, ao reconhecimento e promoção (factores intrínsecos) são responsáveis pela satisfação, enquanto que a ausência dos factores relacionados com o contexto do trabalho (factores extrínsecos), nomeadamente, segurança, estatuto, salário e condições de trabalho, determinam a insatisfação profissional (Ferreira Marques, 1983, p. 137; Duarte, 1984, p. 8).

O interesse de Super por este domínio levou-o a publicar, em 1970, o *Inventário dos Valores do Trabalho*, destinado a adolescentes dos ensinos secundário e universitário e a adultos (Ferreira Marques, 1983, 137).

Apesar do conceito “valores” integrar a estrutura hierárquica da motivação (necessidades, valores e interesses), apresentado por Super em 1973, é no projecto internacional *Work Importance Study* (WIS), iniciado em 1979, que este conceito, ganha um maior poder explicativo para a compreensão do desenvolvimento de carreira. A definição de valor, entretanto adoptada, descreve-o como “um objecto (um estado psicológico, uma relação ou uma condição material) que se procura atingir ou obter”, sendo o valor do trabalho o mesmo procurado num papel profissional” (Ferreira Marques *et al.*, 1985, p. 448). Assim, “os valores são conceptualizados como objectivos gerais que as pessoas tendem a atingir nos seus espaços de vida como o trabalho, o estudo, os tempos livres, a família ou a comunidade” (Teixeira, 1994, p. 154).

Partindo de um modelo conceptual que interpreta o comportamento vocacional numa perspectiva multidimensional, o objectivo da presente investigação foi estudar a relação entre os interesses e os valores dos alunos do ensino profissional, que frequentam cursos de nível III (Técnicos Intermédios Altamente Qualificados).

3. METODOLOGIA

Amostra

A amostra considerada no presente estudo é constituída por 379 sujeitos de ambos os sexos, 193 (51%) raparigas e 186 (49%) rapazes, distribuídos pelos 3 anos de formação, 141 (37.2%) no 1º ano, 103 (27.2%) no 2º ano e 135 (35.6%) no 3º ano. Ao nível da distribuição dos alunos por área de formação, 89 (23.4%) alunos frequentam a Área 1, 137 (36.2%) alunos a Área 8, 85 (22.5%) alunos a Área 12 e, finalmente, 68 (17.9%) alunos a Área 14. As idades variam entre os 15 e os 26 anos, sendo a média de 18.14.

Instrumentos

Inventário de Interesses Vocacionais (IIV, Ferreira, 1991)

Elaborado com base nos tipos de personalidade de Holland, o *Inventário de Interesses Vocacionais* (IIV) é composto por 174 itens distribuídos por seis escalas: Realista (R), Investigador (I), Artístico (A), Social (S), Empreendedor (E) e Convencional (E). A avaliação da validade e consistência interna dos itens, assim como, estudos de correlação de resultados com o *Vocational Preference Inventory* (VPI) permitem-nos afirmar que o IIV é um bom instrumento para a avaliação dos interesses vocacionais.

Escala de Valores WIS

A edição portuguesa da Escala de Valores, elaborada no âmbito do projecto internacional WIS, é constituída por 90 itens distribuídos por 18 escalas, designadamente: Utilização das Capacidades,

Realização, Promoção, Estético, Altruísmo, Autoridade, Autonomia, Criatividade, Económico, Estilo de Vida, Desenvolvimento Pessoal, Actividade Física, Prestígio, Risco, Interação Social, Relações Sociais, Variedade e Condições de Trabalho.

Procedimento

Os instrumentos foram administrados colectivamente, durante dois tempos lectivos consecutivos, a alunos matriculados em quatro escolas profissionais do Distrito de Leiria, que frequentavam cursos de quatro áreas de formação, dresignadamente: Área 1 - Administração, Serviços e Comércio, Área 8 - Electricidade e Electrónica, Área 12 - Intervenção Pessoal e Social e Área 14 - Património Cultural e Produção Artística.

Análise dos resultados

Os resultados obtidos em cada um dos instrumentos, *Inventário de Interesses Vocacionais* e de *Escala de Valores WIS* foram analisados individualmente, calculando-se, em cada caso, a média o desvio-padrão e a amplitude, assim como as correlações entre as variáveis consideradas.

No quadro 2 são apresentados os resultados das 6 escalas do Inventário de Interesses Vocacionais, Investigador; Artístico; Social; Empreendedor, Convencional e Realista, para o conjunto da amostra.

Podemos constatar que os valores mais elevados das médias encontram-se em Social (67.15) e Artístico (60.17) e os mais baixos são obtidos nas escalas Convencional (53.97) e Realista (54.71). Os valores da amplitude apontam para uma notória positividade dos resultados, uma vez que se aproximam dos extremos dos valores da variação teórica de 29 e 87 em todas as escalas, atingindo-se mesmo, o valor extremo superior nas escalas, Artístico e Social, e o limite inferior em Empreendedor e Convencional. Os valores mais baixos de desvio-padrão (10.15 e 11.09) em Social e Realista coincidem com o registo de menor intervalo de amplitude, respectivamente, 52 e 50.

Quadro 2 - Média, Desvio-Padrão e Amplitude dos resultados da amostra no Inventário de Interesses Vocacionais.

ESCALAS	Média	Desvio-Padrão	Amplitude
Investigador	57.04	11.97	31 - 85
Artístico	60.17	12.64	31 - 87
Social	67.15	10.15	35 - 87
Empreendedor	58.32	11.81	29 - 85
Convencional	53.97	11.67	29 - 83
Realista	54.71	11.09	33 - 83

Na Escala de Valores WIS os resultados variam teoricamente entre 5 e 20. No quadro 3 destacam-se como médias mais elevadas, os resultados nas escalas Realização (17.78); Utilização das Capacidades (17.75); Desenvolvimento Pessoal (17.15); Relações Sociais (16.69) e Promoção (16.67). As duas médias mais baixas localizam-se em Risco (11.37) e Autoridade (12.66).

A salientar que a amplitude dos resultados ao atingir o extremo superior em todas as escalas, e o extremo inferior em Utilização das Capacidades, Estético, Altruísmo, Autoridade, Criatividade, Risco, Interacção Social, Relações Sociais e Variedade, sugere uma avaliação positiva da variabilidade interindividual por parte da Escala de Valores WIS.

Quadro 3 - Média, Desvio-Padrão e Amplitude dos resultados da amostra na Escala de Valores WIS.

ESCALAS	Média	Desvio-Padrão	Amplitude
Utilização das Capacidades	17.75	2.03	5 - 20
Realização	17.78	1.96	7 - 20
Promoção	16.67	2.27	9 - 20
Estético	15.80	2.66	5 - 20
Altruísmo	15.91	2.89	5 - 20
Autoridade	12.66	3.09	5 - 20
Autonomia	15.61	2.85	7 - 20
Criatividade	15.92	2.62	5 - 20
Económico	15.58	2.75	7 - 20
Estilo Vida	15.87	2.66	8 - 20
Desenvolvimento Pessoal	17.15	2.12	6 - 20
Actividade Física	14.20	3.11	6 - 20
Prestígio	13.94	3.05	6 - 20
Risco	11.37	3.48	5 - 20
Interacção Social	14.74	2.56	5 - 20
Relações Sociais	16.69	2.23	5 - 20
Variedade	14.95	2.73	5 - 20
Condições de Trabalho	16.50	2.52	8 - 20

No quadro 4 são apresentados os coeficientes de correlação dos resultados no Inventário de Interesses Vocacionais e na Escala de Valores WIS.

Quadro 4 - Coeficientes de correlação dos resultados no Inventário de Interesses Vocacionais e na Escala de Valores WIS.

WIS	IIV	I	A	S	E	C	R
Utilização das Capacidades		0.08	0.12	0.12	0.16	0.11	0.08
Realização		0.04	0.10	0.06	0.21*	0.14	0.02
Promoção		0.01	0.01	0.00	0.32**	0.18	0.08
Estético		0.08	0.20*	0.22*	0.23*	0.16	0.04
Altruísmo		0.12	0.12	0.33**	0.09	0.13	-0.04
Autoridade		-0.03	-0.06	-0.05	0.40**	0.17	0.16
Autonomia		0.03	0.07	-0.03	0.22*	0.04	0.10
Criatividade		0.15	0.26**	0.15	0.18	0.04	0.11
Económico		-0.07	0.01	-0.09	0.26**	0.10	0.14
Estilo Vida		-0.04	0.06	-0.02	0.16	0.01	0.04
Desenvolvimento Pessoal		0.05	0.21*	0.09	0.16	0.06	-0.02
Actividade Física		0.14	0.00	-0.03	0.10	0.09	0.25**
Prestígio		-0.03	0.06	0.05	0.33**	0.22*	0.10
Risco		0.07	0.01	-0.02	0.13	0.09	0.18
Interacção Social		0.08	0.12	0.17	0.09	0.08	0.07
Relações Sociais		0.01	0.12	0.09	0.17	0.20*	0.06
Variedade		0.07	0.12	0.07	0.09	0.04	0.07
Condições de Trabalho		-0.03	0.05	-0.05	0.14	0.17	0.12

** p < 0.01 * p < 0.05

Apesar dos coeficientes de correlação serem globalmente baixos com uma média de 0.11 é possível identificar a existência de algumas correlações positivas significativas entre os Interesses e os Valores.

O coeficiente de correlação mais elevado regista-se entre a escala que avalia os interesses empreendedores do IIV e a escala que avalia o valor da Autoridade do WIS, sendo de 0.40. É nesta mesma escala de interesses, Empreendedor, que verificamos um maior número de correlações positivas e significativas com outros Valores (WIS), tais como, Prestígio (0.33), Promoção (0.32), Económico (0.26), Estético (0.23), Autonomia (0.22) e Realização (0.21).

Na escala que avalia os interesses artísticos do IIV observamos correlações positivas e significativas com os Valores (WIS) Criatividade (0.26), Desenvolvimento Pessoal (0.21) e Estético (0.20).

Da análise do quadro 4 verificamos, ainda, coeficientes de correlação significativos, ao nível de 0.05 entre a escala Convencional (IIV) e os Valores (WIS) Prestígio (0.22) e Relações Sociais (0.20).

As escalas Social e Realista do Inventário de Interesses Vocacionais manifestam um coeficiente de correlação significativo ao nível de 0.01 com a Escala de Valores WIS, do Altruísmo (0.33) e da Actividade Física (0.25), respectivamente. No escala Social (IIV) observamos, ainda, uma correlação significativa de 0.22 com o valor Estético (WIS).

4. CONCLUSÃO

Apesar do estudo estar limitado a uma amostra de alunos de uma região do país, os resultados permitem-nos identificar significativas potencialidades dos instrumentos utilizados (*Inventário de Interesses Vocacionais* e *Escala de Valores WIS*) na compreensão do processo de escolha vocacional.

Apesar dos coeficientes de correlação entre interesses e valores serem na generalidade baixos, verificou-se a existência de algumas correlações significativas. Por exemplo, entre a escala que avalia o tipo Empreendedor e os valores Autoridade, Prestígio, Promoção e Económico, e entre, a escala que avalia o tipo Artístico e a escala Criatividade.

Assim, os resultados do estudo apontam para uma associação relativamente consistente das relações entre os interesses e os valores dos alunos do ensino profissional.

5. BIBLIOGRAFÍA

- AZEVEDO, J. (1991). *Educação tecnologia nos anos 90*. Porto, Edições ASA.
- CAEIRO, L. A. (1979). Princípios para um aconselhamento vocacional desenvolvimentista. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 14-16, 45-71.
- CAMPBELL, D. P. e HOLLAND, J. L. (1972). A Merger in Vocational Interest Research: Applying Holland's Theory to Strong's Data. *Journal of Vocational Behavior*, 2, 353-376.
- DUARTE, M. E. (1984). *Estudo sobre a Escala de Valores WIS em duas amostras de estudantes do ensino secundário*. Trabalho de síntese apresentado nas provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Lisboa.
- FERREIRA MARQUES, J. (1983). A investigação psicológica sobre os valores. Desenvolvimento de uma nova escala de valores. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 17-19, 135-155.
- FERREIRA MARQUES, J. et al. (1985). A Escala de Valores WIS e sua utilização em orientação. In J. C. CRUZ, L.S. ALMEIDA e O.F. GONÇALVES (Eds.). *Intervenção Psicológica na Educação*, Porto: A.P.L.P., 447-455.
- FERREIRA, J. A. (1991). As teorias interaccionistas e o desenvolvimento do estudante do ensino superior. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano XXV, 91-105.
- FERREIRA, J.A. e HOOD, A. B. (1995). The Development and Validation of a Holland-Type Portuguese Vocational Interest Inventory. *Journal of Vocational Behavior*, 46, 119-130.

- HOLLAND, J. L. (1985). *Making vocational choices: A theory of career:s* (2nd edition). Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- HOOD, A. B. e FERREIRA, J. A (1993). A teoria da escolha vocacional de John L. Holland. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano XXVII, 3, 457-470.
- LARCEBEAU, S. (1982). Intérêts, Valeurs et choix professionnels. *L'Orientation Scolaire et Professionnelle*, 11, n° 4, 341-354.
- MARQUES, M. (1993). *O modelo educativo das escolas profissionais: um campo potencial de inovação*. Lisboa, Educa.
- TEIXEIRA, M. O. (1994). Valores e Interesses no desenvolvimento da carreira. Um estudo com alunos do 11º ano de escolaridade. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 30, 153-171.